

Egon Schaden: a pessoa e o acadêmico

João Baptista Borges Pereira

Professor Emérito da USP

*Professor Pleno do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião
da Universidade Presbiteriana Mackenzie*

Introdução

Este texto não pretende traçar a rica biografia do Prof. Egon Schaden. É mais modesto. Limita-se a espécie de depoimento memorialístico, que procura captar, surpreender e transmitir momentos de uma vida dedicada à antropologia brasileira. Tal roteiro só pode ser percorrido graças a anos de convivência do autor com o antropólogo. Convivência que se iniciou com as relações relativamente formais entre o aluno e o professor na graduação, estreitou-se quando o aluno transformou-se em orientando do mestre, e tornou-se extremamente íntima, permeada de confidências e cumplicidades, quando, em 1963, o doutorando foi contratado como assistente da Cadeira de Antropologia. Seria, no mínimo, interessante recuperar o instante dessa contratação. Indicado pelo Prof. Schaden para substituir o padre Guilherme Saake, que havia retornado à Alemanha, eu estava regendo há dois anos a Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Presidente Prudente (Unesp), quando Schaden chegou inesperadamente a minha casa. O mestre viajara 600 quilômetros de São Paulo a Prudente

para, pessoalmente, convencer-me a aceitar o convite que me fizera, há dias, por telefone, para retornar à USP. Confesso que o professor me comoveu e convenceu.

Ao agradecer-lhe pelo honroso convite, ele respondeu textualmente: “Agradeça convidando-me a comer uma peixada lá nas barrancas do Rio Paraná”.

Na manhã seguinte, acompanhado do Prof. Max H. Boudin, que conhecia Schaden desde os tempos em que trabalhara no antigo SPI, juntamente com Darcy Ribeiro, fomos para a cidade de Presidente Venceslau. Foram quase quatro horas de viagem. Durante esse tempo, Schaden e Boudin conversaram fluente, ininterrupta e alegremente em tupi. Schaden usava o tupi do litoral de São Paulo e Max H. Boudin, o tupi do Alto do Gurupi, onde convivera anos com os Tembê-Tênêthar.

A primeira aula de antropologia com Schaden

1956. Acabara de ingressar no curso de Ciências Sociais da USP, atraído pelas aulas sobre Durkheim que a professora Adalgisa Araújo de Castro Rangel nos ministrava no curso normal do atual “Instituto de Educação Leônidas do Amaral Vieira”, em Santa Cruz do Rio Pardo (SP). As aulas eram mescladas de leituras do autor francês e de Fernando de Azevedo, com encantados depoimentos sobre suas experiências de aluna em aulas dos professores Antonio Candido, Fernando de Azevedo e Maria Isaura Pereira de Queiroz. Fascinado por essa sociologia, que me fizera deixar de lado a história, cheguei à mitológica Rua Maria Antonia. Até então, nunca ouvira qualquer referência à antropologia, palavra que sequer constava de meu vocabulário, mas que era disciplina obrigatória do *curriculum* a partir do primeiro ano. Uma semana após assistir às aulas dos professores Ruy Coelho e Maria Isaura, entrei obrigado e desinteressado.

do em classe para finalmente conhecer a antropologia. Pontualmente, chegou o professor, vestido de avental branco, como era costume da época. A minha primeira impressão do antropólogo, que depois se confirmou parcialmente, era de um homem formal, com fisionomia quase severa, pele clara, ralos cabelos muito bem penteados, rosto cuidadosamente barbeado, sorriso raro e tímido. “Esse é o alemão”, cochichou-me uma colega, com certa dose de maldade. Em nossas cabeças, alemão era sinônimo de nazista, o que após quase dez anos do término da Segunda Guerra Mundial ainda mexia com nossos sentimentos humano-patrióticos. Silêncio absoluto na classe. O professor sentou-se à mesa. Calma e metodicamente tirou do bolso um cachimbo, recheou-o de fumo, acendeu-o e deu a primeira baforada, olhando para o teto da sala.

Tão logo as leves e breves nuvens de fumaça se evaporaram no ar, o professor levantou-se, contemplou panoramicamente a classe e se apresentou: “Sou o professor Schaden”. Em seguida, expôs os objetivos do curso que pretendia desenvolver ao longo do ano letivo: familiarizar os alunos com a antropologia, tendo como tema os estudos sobre os protomorfos, que envolviam breves referências aos ainos, pesquisas sobre os aborígenes da Oceania e sobre as populações pigmeias da África Equatorial. Toda a sua aula foi dedicada a esse grupo, ao evolucionismo cultural de Tylor e à Escola dos Círculos Culturais de Viena, do padre P. W. Schmidt. Observei que o professor não alterava a fisionomia austera e nem gesticulava. Ele jogava admiravelmente com o timbre de uma voz que modulava para enfatizar este ou aquele aspecto da aula.

Criava, também, momentos de suspense. Sua exposição era espécie de drama que ia num crescendo até chegar ao ponto que lhe interessava. Nesse instante, ele parava, em geral com um bem pronunciado “mas”. Em seguida, repetia o ritual do cachimbo para, depois, completar a frase endereçada a uma plateia de alunos já completamente envolvida pela

didática do “alemão”. Ao término de suas aulas iniciais, fiz uma surpreendente descoberta até para mim: o professor me havia “convertido” da sociologia para a antropologia, como ocorrera há alguns anos quando troquei a história pela sociologia.

Schaden no mundo acadêmico

Aos poucos, como aluno, fui me familiarizando com a estrutura ou organização do curso de Ciências Sociais, que então incluía, em um só departamento, as Cadeiras de Ciência Política, Sociologia I, Sociologia II, Etnografia e Línguas Indígenas do Brasil, e Antropologia. À época de minha “conversão”, a Cadeira de Antropologia, criada em 1936, por Emilio Willems, contava apenas com dois docentes: o catedrático contratado Egon Schaden e a assistente Gioconda Mussolini, ambos ex-assistentes de Willems.

Após bacharelar-se em filosofia, Schaden obteve seus títulos de doutor e livre-docente em antropologia, respectivamente, com teses sobre mitologia indígena e fundamentos da cultura Guarani. Por sua vez, Gioconda Mussolini ostentava o título de mestre obtido na Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Em 1957, Ruth Leite Cardoso veio juntar-se à dupla na qualidade de instrutora voluntária (categoria docente que não recebia vencimentos enquanto aguardava a incerta criação de uma vaga pelo governo estadual). Schaden dividia seu tempo com a regência da Cátedra na USP e cursos no exterior, principalmente na Alemanha (Universidade de Bonn, Frankfurt e Hamburgo). Durante uma de suas viagens ao exterior, faleceu o Prof. Plínio Ayrosa, catedrático da Cátedra de Etnografia e Línguas Indígenas do Brasil. Mesmo de longe e lutando com adversários politicamente fortes, que pleiteavam destinar a cadeira vaga ao Prof.

Herbert Baldus, do Museu Paulista e da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Schaden conseguiu que a Congregação aprovasse sua posição: integrar a cadeira de Etnografia à de Antropologia, incorporando não só a rica biblioteca criada pelo Prof. Ayrosa, como o museu que passou a ser denominado Plínio Ayrosa. Anos depois, o acervo foi doado ao Museu de Arqueologia e Etnografia (MAE) da USP.

Esse foi, em minha opinião, o primeiro passo de Schaden para fortalecer institucionalmente a Antropologia. O segundo passo foi o de, após muita luta, conseguir ampliar o corpo docente, de dois para dez professores, entre 1962/1963.

Nesse período, foram contratados Ruth Cardoso, Eunice Ribeiro Durham, Amadeu J. Duarte Lanna, João Baptista Borges Pereira, Tekla Hartmann e Renate B. Viertler. Em seguida, ainda na regência de Schaden, recomendados pela Profa. Gioconda Mussolini, vieram compor o corpo docente Antonio Augusto Arantes Neto e Hunaldo Beiker.

Além de aumentar numericamente o corpo docente, essa política de contratação de novos professores permitiu a diversificação da temática da Cadeira, tanto em termos de ensino como de pesquisa, quebrando o interesse concentrado até então nos caízaras e nos grupos indígenas. Entram em cena, ainda que de forma embrionária, o interesse pelo urbano, pelas relações raciais, pelos movimentos migratórios. No plano teórico, a também monolítica presença do culturalismo cede espaço para as contribuições da antropologia social inglesa, a antropologia da pobreza, a antropologia simbólica e o estruturalismo de Lévi-Strauss.

É importante registrar que, em 1953, Schaden havia criado e mantido com seus parcos vencimentos a Revista de Antropologia, que, durante anos, até a gestão do Prof. Gilberto Velho na ABA, constituiu-se no periódico oficial da Associação Brasileira de Antropologia, instituição da qual foi um dos fundadores, embora nunca tenha sido seu presidente. Em 1962, colaborou ativamente com Sérgio Buarque de Holanda

na criação do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), instituição da qual foi diretor (1964-1966) e conselheiro até a sua aposentadoria.

Essa reconstrução, adensamento e visibilidade da Antropologia levaram o Prof. Antonio Candido a afirmar recentemente, ao autor deste texto, que “Schaden foi o Florestan da Antropologia”.

Em 1967, três anos depois de conquistar a Cátedra com tese sobre aculturação indígena, Schaden convocou reunião extraordinária dos professores da Cadeira para comunicar-lhes que havia se aposentado da USP. A perplexidade foi geral.

A explicação veio rápida: ele fora convidado pelo então primeiro ministro de Nordrhein-Westfalen para ser o sucessor do catedrático de antropologia da Universidade de Bonn, que havia falecido recentemente. Em sua opinião, não havia como recusar tão honroso convite. Entro-lhamo-nos. A sensação, compartilhada por todos, é de que havíamos, repentinamente, ficado órfãos.

Dias depois, Schaden chamou-me à sua casa para dar-me uma triste notícia: não iria mais para a Alemanha, pois sua esposa, alemã de nascimento, se opusera a morar naquele país. Dona Margareth Regina Schaden, que assistia à nossa conversa, explicou-me seus motivos com uma pergunta síntese: “Onde encontrar as frutas, as verduras e os legumes do Brasil lá naquele país?”. Era uma incorrigível dona de casa, feliz nos seus domínios domésticos, que se casara com um incorrigível intelectual.

Schaden, que era admirável poliglota, passou por várias universidades norte e latino-americanas, ministrando cursos e seminários, até que se cansou e retornou ao Brasil. Após breve período lecionando na Fundação Santo André (SP), foi convidado pelo Prof. Antonio Guimarães Ferri, diretor da recém-criada Escola de Comunicações e Artes (ECA), para integrar a Cátedra da nova instituição da USP. Lá, e até sua aposentadoria, foi figura expressiva: criou e desenvolveu, de forma pioneira, a antropologia da comunicação. Coordenou departamentos e foi chefe da

Filmoteca. Nessa função, trouxe para a ECA parte da Encyclopaedia Cinematographica, fundada em 1952, em convênio com o Instituto do Filme Científico de Göttingen e o Governo da República Federal da Alemanha¹. Em reconhecimento pelo trabalho, a ECA batizou com seu nome um de seus salões de defesa de teses.

Após sua segunda aposentadoria, o Prof. Schaden enfrentou dois momentos de intensa emoção: o primeiro, de júbilo; o segundo, de revolta e tristeza. O júbilo veio no dia 28 de setembro de 1989, quando recebeu o título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. O segundo ocorreu quando, dias depois, ao tentar viajar à Alemanha, descobriu que não poderia se ausentar do país: o governo militar havia caçado seu passaporte e o proibido de viajar ao exterior. Tornara-se, sem perceber, um “alemão” inimigo do regime.

Schaden: alemão e imigrante

Não era apenas na aparência que Schaden transmitia a imagem de homem alemão. Sua casa era uma casa alemã, desde a comida, a disposição dos móveis, as relações familiares, a fala, o humor comedido, até o grande número de livros alemães em sua rica biblioteca. Embora filho de alemães, nascido em São Bonifácio, estado de Santa Catarina, ele demonstrava em todas as oportunidades o orgulho de sua ancestralidade tedesca e pertencimento ao seu grupo étnico. Seu nome sempre esteve ligado a instituições de origem ou marca alemã. Como o Instituto Hans Staden, o Colégio Alemão, atual Colégio Visconde de Porto Seguro. Mantinha também contato forte e permanente com pesquisadores alemães, atuando no Brasil. Traduzia e aprimorava os textos que recebia, em geral de experiências do mundo indígena, e os publicava notadamente em “sua” revista – a *Revista de Antropologia*. Além disso, concen-

trava grande parte de seu trabalho de pesquisa à recuperação de contribuições pioneiras de cientistas alemães na exploração etnológica do Brasil indígena².

Em tais ocasiões, a grande referência era seu pai, Francisco Schaden, a quem, dizia-me em suas raras confidências, ele devia a educação que recebera. Com seu pai ele se alfabetizara em português e alemão, aprendera astronomia e, principalmente, botânica. O pai o levava ainda de madrugada para nomear as plantas e flores que nasciam espontaneamente pelos campos vizinhos. “A única coisa que meu pai não conseguiu ensinar-me, como desejava, foi a tocar violino. Lembro-me da última tentativa: peguei o violino e o arco e, como sempre, não tive forças para colocar o instrumento debaixo do queixo. Tentei várias vezes, até que violino e arco caíram no chão. Meu pai se compadeceu: ‘Não adianta, você não nasceu para isso’. Guardou o instrumento e nunca mais insistiu para que eu aprendesse a tocar violino.”

Tudo indica, embora Schaden não o explicita em momento algum, que a influência de seu pai tenha ido além da socialização do menino, alcançando-o em sua própria formação teórica, notadamente em seu apego à Teoria da Aculturação e em seu interesse pela mitologia. Nota-se, em pelo menos dois artigos de Francisco Schaden, o mesmo caminho percorrido pelo filho. Refiro-me aos textos “Mitos de Sumé”³ e “Magia e crenças populares numa comunidade teuto-brasileira”⁴.

Um levantamento minucioso e crítico certamente surpreenderia outros pontos de afinidades teóricas e temáticas entre pai e filho.

Schaden cultivava com indisfarçável orgulho sua identidade alemã. Em meados da década de 1960, fomos ao Congresso de Americanistas na Alemanha. Em Munique, Schaden foi convidado a proferir palestra sobre o Brasil indígena para uma grande plateia, onde predominavam jovens estudantes. Terminada a palestra, o público o aplaudiu batendo com as mãos debaixo das cadeiras, como de costume. Ao meu lado, es-

tava sentado um professor alemão, que pesquisava na Amazônia, a quem perguntei o que achava da conferência. “Ótima!”, respondeu-me, “mas o Prof. Schaden foi pouco entendido, pois ele fala alemão arcaico, do tempo do imperador, que ninguém mais entende”. Não me contive e contei ao Schaden, que, surpreendentemente, juntou as mãos olhando para o céu e, em tom de graça, disse: “Que benção, meu Deus! Que benção! Sou alemão legítimo!”.

Claro que ele estava no que se convencionou rotular “congelamento da língua”: na diáspora, o imigrante “congela” a língua falada do instante histórico em que se deslocou para outro país, tomando-a como sendo a “língua autêntica”, aquela que não se deixou “contaminar” pelas alterações que a dinâmica linguística do país de origem desencadeia nos anos subsequentes.

O imigrante transforma o seu “falar congelado” em espécie de expressão diacrítica de uma língua legítima que procura preservar a todo o custo.

Esse apego de Schaden à identidade alemã foi o que o levou a sentir-se honrado com o convite da Universidade de Bonn e a divulgar notícia de sua condecoração em cerimônia solene com a *Cruz oficial da ordem do mérito*, concedida, em 1985, pela República Federal da Alemanha⁵.

Esse refúgio na identidade alemã talvez também se explique, até certo ponto, como uma forma de se defender dos preconceitos e estereótipos negativos que cercam, ou cercavam historicamente, os imigrantes que vieram para o Brasil. Essa percepção negativa do outro é, ou foi, mais acentuada em relação a grupos de imigrantes enquadrados por Caio Prado Jr. na categoria de membros *do sistema de colonização*, mais fechados sobre si mesmos e mais discriminados pelos nativos. Típico das regiões meridionais do país, esse sistema é colocado pelo mesmo autor em oposição ao *sistema de imigração*, característico de estados do sudeste brasileiro, notadamente em São Paulo. Esse sistema teve como base es-

trutural os núcleos mistos que, além de reservas de mão de obra para as fazendas de café, eram abertos, favorecendo trânsito rápido entre o rural e o urbano. Além do mais, tal abertura propiciou a participação de imigrantes em eventos enriquecedores da cultura do país, como foi a presença de italianos e seus descendentes no Movimento Modernista desencadeado, simbolicamente, pela Semana da Arte Moderna, em 1922.

Schaden era, como mencionado anteriormente, oriundo de São Bonifácio, interior do estado de Santa Catarina. Lá, ele nasceu e foi criado numa comunidade rural relativamente isolada e fechada etnicamente sobre si mesma⁶.

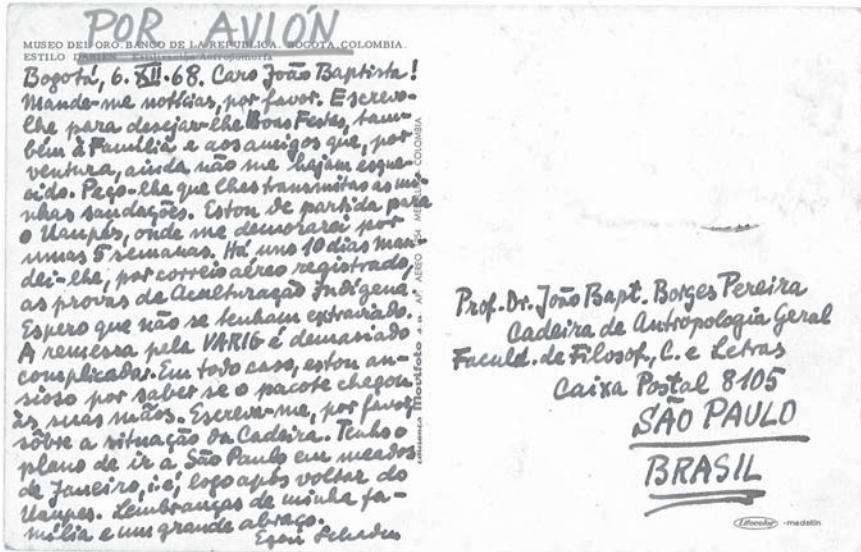
Daí, a meu ver, sua exaltada sensibilidade étnica em relação ao ambiente intelectual de São Paulo. Dois desabaços de Schaden ao autor deste texto expressam bem tal sensibilidade. O primeiro, com indisfarçável tom de revolta, demonstra sua indignação ao ser convidado pelo governo de São Paulo para saudar o general Ernesto Geisel em sua visita oficial à cidade: “Foi preciso que um filho de imigrante alemão ocupasse a presidência do país para *eles* se lembrarem de *nós*, imigrantes, que tanto ajudaram a construir a *nossa* nação”. O segundo desabaço foi mais sereno. Retornando para nossas casas vizinhas, após um dia de aula (que se prolongavam do começo da tarde até o final da noite), o professor, sentado ao meu lado no carro, surpreendeu-me com a decisão que tomara: “Pensei muito e resolvi não almoçar mais com Antonio Candido às quartas-feiras”. “Mudou o dia?”, perguntei-lhe. “Não”, respondeu-me, “resolvi eliminar para sempre esses encontros semanais que me davam tanto prazer”. Perplexo, perguntei-lhe: “Por que professor? Se esses encontros lhe dão tanto prazer, ao lado de um colega pelo qual o senhor demonstra tanta admiração?”. “Porque cada vez que almoço com Candido tenho noção clara da minha condição de imigrante. Enquanto ele

come pausadamente, sem pressa, deixando quase sempre uma porção no prato, eu como apressadamente, sem deixar nada, resto algum. Cheguei à conclusão de que Candido, de família tradicional brasileira, é a expressão de uma fome historicamente saciada; eu, imigrante faminto, sempre serei expressão de uma fome historicamente insatisfeita.” Como bom antropólogo, Schaden interpretava o distanciamento social entre ambos, representado no estilo de comer, como ato ritualizado envolvido em expressivos significados simbólicos. O comer era visto por ele como um jogo dialético entre superioridade e inferioridade sociais.

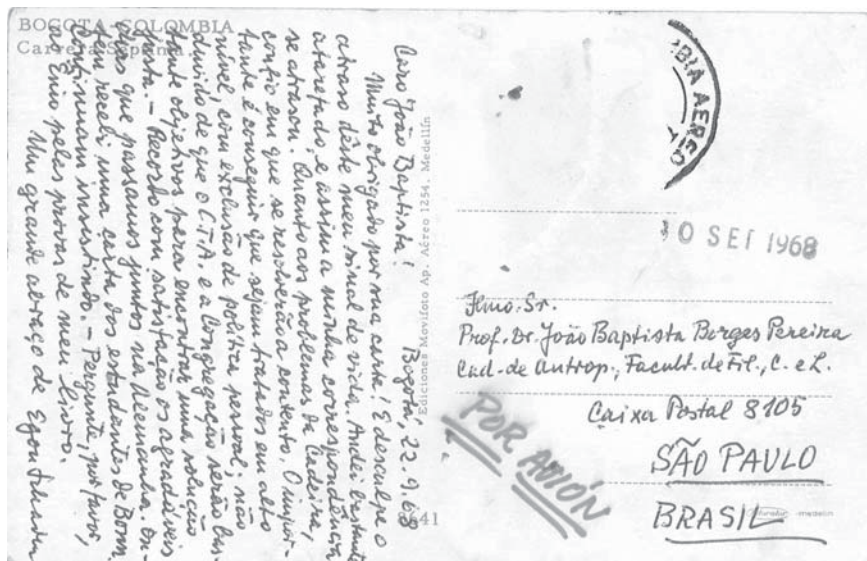
Dias depois, às vésperas do natal de 1967, recebi inesperada visita de Schaden, ansioso por falar sobre Antonio Candido como crítico de literatura, talvez preocupado com suas confidências anteriores. Foi uma tarde agradável e longa. Entre uma taça e outra de vinho, Schaden soltou-se de suas amarras costumeiras e passou horas declamando com grande desenvoltura todo o repertório dos poetas românticos brasileiros. Ao se despedir, confidenciou-me: “Meu autor predileto é Jorge Amado. Fico sempre à espera de um novo livro dele. Amado me faz lembrar de duas coisas: meus tempos de professor de literatura brasileira no Colégio Alemão e minhas afinidades com o seu jeito de ser brasileiro”. Ao se despedir, disse-me, com certo tom de ironia: “Como você percebe, meu caro professor João Baptista, sou mais brasileiro do que se imagina”.

Notas

- ¹ Ver Egon Schaden, “Filmes etnológicos da Escola de Comunicações e Artes da USP”. In *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 23, 1980, pp. 177-183.
- ² Ver, por exemplo, Egon Schaden, “Pioneiros alemães da exploração etnológica do Alto Xingu”. In *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 33, 1999, pp. 1-18.
- ³ Ver *Sociologia*, vol. VI, n. 3, 1944, pp. 230-235.
- ⁴ Ver *Sociologia*, vol. VIII, n. 2, 1946, pp. 77-87.
- ⁵ *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 29, 1986, pp. 185-196.
- ⁶ Pedro Martins e Tânia Welter, “Antropologia e pioneirismo: Francisco e Egon Schaden no imaginário de São Bonifácio (SC)”. In *Revista USP*, São Paulo, n. 92, 2011/2012, pp. 201-211.



Egon Schaden, dando curso em Bogotá e preocupado com a edição de sua tese de cátedra



Egon Schaden, após aposentadoria, preocupado com os destinos da cadeira de antropologia